

OLHANDO PARA O HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR

ROSANA GALINA

Terapeuta de casal e
família, psicodramatista e
membro do NUFEP

*“Não me imagino ver
a vida sem ele ...seria
como se não estivesse
vendo...” (Trudy)*

Cerejeiras em flor, poesia em forma de filme, traz a assinatura de Doris Dorrie e como atores principais Elmar Wepper, Hannelore Elsner e Aya Irizuki. Traz também a incrível música de Claus Bantzer. Produção franco-alemã de 2008, exibida em São Paulo em 2010, que tem a delicadeza das cerejeiras em flor, “o símbolo da temporalidade”; “Estão aqui hoje e amanhã não estão mais”.

O desenrolar das cenas e diálogos nos convida a pensar sobre a riqueza que provém das diferenças. E somente a partir das distinções e da demarcação efetiva das diferenças que é possível se identificar contornos individuais que, paradoxalmente, podem se complementar. Diálogos onde o silêncio é o grande conversador e óculos escuros ocultam lágrimas que não se quer ver.

Trudy é uma mulher que nos conta logo nas primeiras cenas que seu marido, Rudy, padece de um mal que lhe arrebatará a vida em poucos meses. A partir desse conhecimento, que ela não compartilha com ninguém, propõe uma viagem para que ele possa se despedir de seus filhos e netos. O silêncio é o jeito de estar que a caracteriza ao longo do filme.

Rudy é um homem que vive a rotina. “Não gosta de aventuras” e nem de novidades, prefere ficar em casa a qualquer programa. No entanto trabalha com reciclagem, vivendo a metáfora da transformação.

Trudy e Rudy moram no interior da Alemanha. São um casal de mais de 50 anos e têm três filhos adultos. O primogênito e a filha do meio são os primeiros a serem visitados, moram em Berlim. O filho mais novo, “o predileto de Trudy”, mora no Japão e não é contatado pelo casal nesse momento.

A estranheza que o tempo desenha com a distância faz do encontro da família um encontro de estranhos. “Lembro bem deles quando crianças. Agora não sei quem eles são”. (Trudy para Rudy)

Durante a visita a Berlim, o casal vivencia a disponibilidade da mulher de sua filha, que os leva para conhecer a cidade e para assistir a um espetáculo de Butô. Com a neta, Trudy pode viver o encontro entre gerações, mostrando o quanto essa relação é atemporal, conseguindo trazer sorrisos. Os avós desalojam as crianças do quarto, transformando-os em pessoas que não são bem-vindas para elas.

Num movimento de vaivém, momentos em que o passado longínquo traz recordações que eles compartilham brincando convivem com outros momentos que trazem desgaste, e o baú de guardados propicia o desentendimento.

Nesse contexto de desencontros, o casal resolve ir à praia e uma noite Trudy faz Rudy dançar Butô com ela. Ele, no começo, acha estranho, mas aceita. Trudy estava alegre. De maneira surpreendente e repentina, Trudy morre coreografando no imaginário sua última dança de Butô, *a dança das sombras*.

O enterro de Trudy em sua cidade; conta apenas com a presença da mulher de sua filha, que foi quem mais se aproximou do casal quando estiveram hos-

pedados na casa do primogênito. É interessante como apenas quem está fora da relação chega a compartilhar com o casal o significado do que está sendo vivido. Com a morte de Trudy, os três filhos se encontram para conversarem e compartilhar a perda da mãe. Os filhos permanecem emocional e afetivamente distantes de Rudy e cada um vive o receio de ter de assumir os cuidados do pai na ausência da mãe.

Pergunto-me se as relações até o momento propostas não são efêmeras como é efêmera a presença estética e a beleza da flor das cerejeiras. Será esse um jeito dos filhos conviverem com a quietude da mãe, a distância do pai?

Após a morte de Trudy e o desencontro afetivo que viveu junto aos seus, Rudy volta para sua cidade e começa a entrar em contato com os sonhos e desejos de Trudy.

A partir do desejo de mantê-la ao seu lado e de permitir a realização de seus desejos, Rudy decide viver o que ela gostaria de ter vivido. Viaja para o Japão e vai residir por um tempo com o filho caçula, o mais protegido pela mãe. Assim, Rudy veste as roupas de Trudy, por baixo do seu casaco e vai apresentando a ela o que encontra com a delicadeza com que ela olharia tudo aquilo que gostaria de ter vivido. Esse movimento traz, assim como no Butô, Trudy como sua sombra, impregnando os dias com o novo e com a busca.

O período de convivência com o filho mais novo desenvolve-se em movimentos de aproximação e afastamento cuja principal cena de proximidade é o momento em que Rudy lhe prepara para o jantar um prato com receita especial de Trudy. São enroladinhos com uma pasta. Nesse momento, o filho chora e diz que sente falta da mãe, que escolheu ficar longe dela para poder separar-se de sua proteção, mas paradoxalmente tinha ido morar onde ela desejava ir. O alimento os aproxima enquanto ele parece chorar o pranto merecido por uma relação intensa.

Ao visitar um parque durante o Hanami, o festival das cerejeiras, Rudy contempla as flores com a admiração do novo e do belo. É uma cena com fotografia impecável na qual as cerejeiras impregnam quem assiste e fazem com que ele se identifique com o desejo de Trudy. Nesse contexto, Rudy vê uma jovem de 18 anos dançando Butô e fica interessado em se aproximar. Nasce uma amizade que só tem sentido nesse momento de vida de Rudy. Yu, com um telefone cor-de-rosa, sempre conectada à sua mãe que morreu, traz a delicadeza do novo com a poesia do movimento e apresenta a Rudy a possibilidade de continuidade. Quando ele quer entender mais sobre a dança, Yu explica que *todos têm uma sombra e que quem dança é a sombra!* É profundamente emocionante ver Rudy dançar o Butô com Yu. Penso que a sombra é o principal personagem do filme. É a sombra da morte, a sombra do desejo, a sombra de Rudy ao dançar com Trudy, a sombra de Trudy no cotidiano de Rudy.

Outra cena interessante é a cena em que Rudy leva para Yu o prato de comida que fez para seu filho. Na tentativa de compreender a explicação sobre como se prepara o prato, Yu deita no chão, pede a ele para se deitar e enrola-se e a ele no plástico do chão, mostrando os enroladinhos. A explicação com palavras foi pouco eloquente frente à vivência que Yu propôs. Novamente, um personagem fora do contexto familiar consegue entender o significado traduzido em experiência vivida. Interessante, pois o filho não conseguiu essa compreensão.

Dessa amizade nasce o desejo em Rudy de conhecer o Monte Fuji principal anseio de Trudy. O Monte Fuji é descrito por Yu a partir de um atributo humano: “O *senhor Monte é muito tímido e não se mostra sempre.*” Essa descrição guia o olhar de Rudy, que encontra o monte encoberto de nuvens por mais de três dias quando chegam a uma pousada.

Uma noite Rudy passa mal e é socorrido por Yu. Adormece e acorda muito cedo, percebendo o lugar mais iluminado. O Senhor Monte apareceu! Rudy então vai até o lago que está aos pés do monte vestido com o quimono de Trudy e dança, com ela, sua última Butô. Yu o encontra morto. Seu funeral é acompanhado por seu filho caçula e Yu, sendo forte o contraste entre a desenvoltura afetiva de Yu e a dificuldade do filho.

A cena final nos brinda com a dimensão da importância do contexto para o sentido de uma narrativa. Os filhos estão sentados em uma mesa, na casa de seus pais, e falam do absurdo do final da vida de Rudy, mostrando que o significado só pode ser dado pelo contexto. Fico com a compreensão de como a presença do efêmero é marcante no filme. São relações que não duram ou são cortadas pelo silêncio, pelo tempo e pela distância. A cerejeira traz a felicidade do momento e a promessa do novo florescer, o Butô traz a beleza da dança marcada pelo momento vivido, Yu e a mulher da filha do meio são a presença do afeto para o casal, presenças que não propõem a continuidade, mas a intensidade do momento.

É um filme que eu veria outra vez!